



## O cogumelo e a maçã

Gonçalo Figueira

**NO DIA 16 DE JULHO DE 1945 UM GRUPO RESTRITO DE CIENTISTAS ASSISTIU AO NASCIMENTO DA ERA NUCLEAR, COM A DETONAÇÃO DA PRIMEIRA BOMBA ATÓMICA NUM LUGAR REMOTO DO DESERTO DO NOVO MÉXICO.**

Entre estes, o físico J. Robert Oppenheimer, líder do projecto Manhattan, e responsável máximo pelo sucesso técnico da demonstração. À medida que se erguia um imenso e tenebroso cogumelo de fumo, Oppenheimer recordou-se de um verso do poema hindu Bhagavad Gita: “Tornei-me a morte, destruidora de mundos”. Além de apropriada, a famosa citação não foi acidental. Ele admitiu que o antigo poema teve uma profunda influência na sua filosofia de vida – chegou a aprender sânscrito para o poder ler no original – e dele conseguiu obter a determinação para completar o desenvolvimento da bomba, sem vacilações morais.

Este carácter forte e seguro contrasta radicalmente com o jovem Oppenheimer de duas décadas antes. Em 1926, depois de uma brilhante licenciatura em Harvard, rumava à Europa – então a Meca da física – e estudava em Cambridge no grupo de J. J. Thomson. A trabalhar num laboratório, a sua inaptidão experimental colidia com os seus sonhos de grandeza, deixando-o amargamente deprimido, ao ponto de se rebolar pelo chão a chorar em desespero. Numas férias outonais na Córsega, após uma conversa filosófico-literária sobre crime e castigo, confessou a dois estupefactos colegas que, antes de partir, tinha envenenado uma maçã com produtos tóxicos e posto-a na mesa de Peter Blackett, um professor no mesmo laboratório. Este futuro Prémio Nobel era um experimentalista exímio, reputado, e um homem ele-

gante – personificando tudo o que Oppenheimer ambicionava, e germinando neste a frustração e o ódio. Arrependido, regressou a correr a Cambridge, para descobrir Blackett são e salvo – quer porque o plano tinha sido descoberto, quer porque nunca tinha passado de um delírio edipiano... certo é que o (rico) pai Oppenheimer teve que intervir para livrar o filho de um processo judicial, e este acabou “condenado” a sessões de psiquiatria, onde lhe foi diagnosticada esquizofrenia e vaticinado um futuro nada promissor. Pelo contrário, o incidente serviu para que descobrisse a sua verdadeira vocação – a física teórica – e, depois de outras paragens pela Europa, regressou aos Estados Unidos, onde teve um papel preponderante no crescimento e afirmação mundial do país como líder em física.

Este terá sido, sem dúvida, o episódio mais bizarro de uma vida notável e agitada – à parte, claro, do desenvolvimento da bomba. Entre um e outro, o homem que admitiu não sentir remorsos pela morte de centenas de milhares de japoneses, foi um dia um rapaz que sentiu culpa por uma maçã envenenada.

### Referências:

James A. Hijiya, “The Gita of J. Robert Oppenheimer”, Proc. Am. Phil. Soc. 144, 123-167 (2000)